

Entre o ideal e os negócios: Monteiro Lobato, o intelectual empresário

REGINA AÍDA CRESPO*

Autor de contos de temática regionalista, Monteiro Lobato acabou consagrando-se como o criador do simplório Jeca Tatu e do universo lúdico do Sítio do Pica-pau Amarelo. Foi reconhecido como o grande impulsionador da indústria e do mercado editoriais no país, e continua sendo lembrado como uma espécie de Dom Quixote de nossa produção petroleira. Escritor e jornalista, Lobato dedicou-se simultaneamente ao mundo intelectual e ao mundo empresarial, numa luta contínua para fazê-los confluir.

As várias facetas de Monteiro Lobato, mais que estimular a confecção de estudos rigorosos acerca de sua produção especificamente literária, induzem à procura de novos caminhos de análise.

Em termos estéticos e principalmente temáticos — como os estudiosos do autor bem o sabem — Lobato é costumeiramente classificado entre os precursores da literatura brasileira moderna. Preso, porém, a formas estilísticas tradicionais, não haveria conseguido completar o salto à modernidade, na produção de sua literatura.¹

É importante observar que Monteiro Lobato vem sendo objeto de um volume significativo de trabalhos acadêmicos. A preocupação de compreender este intelectual e reavaliá-lo seu lugar na história cultural e literária brasileira parece ser o motor desse verdadeiro trabalho coletivo de resgate que, nos últimos anos, vem sendo realizado por vários pesquisadores das áreas de história e de literatura.

Entre tais trabalhos, podemos mencionar o de André Campos,² que procurou avaliar a literatura infantil e a literatura para adultos de Lobato como elementos complementares do projeto de modernização que o autor possuía para o Brasil. Vasda Landers,³ por sua vez, retomando e ampliando a vereda aberta por Wilson Martins,⁴ buscou comprovar que muitos dos elementos trabalhados ideologicamente e esteticamente pelos modernistas já estavam presentes nas obras literárias e jornalísticas de Lobato. Tadeu Chiarelli⁵ pretendeu resgatar, revalorizando, o Monteiro Lobato crítico de artes plásticas. Tânia Luca,⁶ ao analisar a *Revista do Brasil*, destacou o papel de Lobato como ideólogo. Finalmente, Whitaker Pentado⁷ procurou observar a importância da influência exercida pelas obras infantis de Lobato em leitores que, quando adultos, tiveram papel proeminente na vida cultural, social e política do Brasil.

Tomando em consideração a natureza dos trabalhos mencionados é possível notar que as várias facetas de Monteiro Lobato, mais que estimular a confecção de estudos rigorosos acerca de sua produção especificamente literária, induzem à procura de novos caminhos de análise. Entre os temas sobre os quais vale a pena refletir está a postura do autor como profissional preocupado em ultrapassar os limites tradicionalmente designados para a atuação social dos intelectuais. O estudo do percurso desse inquieto paulista pode colaborar para uma melhor visualização do lugar dos intelectuais brasileiros e dos novos papéis que se abriam para eles nas primeiras três décadas do século XX.

O LITERATO E O EMPRESÁRIO

Quando se menciona a produção literária de Lobato, a tendência a compará-la, em termos estéticos, com a dos autores modernistas é praticamente inevitável. No entanto, em lugar de comparar ou de entrar no mérito artístico das obras literárias que Lobato produziu, analisemos o papel desempenhado pelo autor no panorama cultural das primeiras décadas do século. Uma rápida aproximação à vida cultural de São Paulo nos anos 1920 nos levará a observar que Lobato, ape-

* Professora de sociologia da Universidade Estadual Paulista-Unesp (campus de Marília). Atualmente realiza pesquisas na Universidad Nacional Autónoma de México-Unam.

sar de ocupar dentro dela uma posição de destaque, acabou por se afastar do que viria a ser o circuito hegemônico da literatura e das artes plásticas no Brasil. O *boom* modernista, construído em grande medida *a posteriori*, minimizou a importância de Lobato, associando-o exatamente a um tradicionalismo estrito no campo estilístico.

De fato, embora Oswald de Andrade reconhecesse em *Urupês* o verdadeiro “marco-zero” do modernismo brasileiro,⁸ Lobato não participou das discussões estéticas, culturais e literárias levadas a cabo pelos autores modernistas. E alguns deles chegaram a identificar no autor de contos regionalistas, reconhecido e aclamado pelo público, um inimigo explícito, dados os seus supostos preconceitos e conservadorismo estético.⁹ Julgar com rigidez a produção literária de Lobato para adultos e desconsiderar sua produção literária para crianças, bem como desqualificar o seu trabalho como jornalista e como crítico de literatura e de artes plásticas passaram a ser atitudes freqüentes, a partir da consagração do movimento modernista.

Curiosamente, porém, durante os anos 1910 e 1920, apesar de todas as suas críticas e restrições, os autores modernistas sempre trataram de estar em contato com Lobato e, principalmente, de publicar em sua importante e reconhecida revista. O modernismo ocupou as páginas da *Revista do Brasil*, do “retrógrado” e tradicionalista Lobato que, à parte suas antipatias pessoais ou divergências teóricas, tratava de manter uma política de abertura à multiplicidade de opiniões, além de estimular o exercício da polêmica.¹⁰

É exatamente a partir de sua posição como editor e proprietário da revista cultural e literária mais importante do país — que funcionava simultaneamente como arena de discussões, produto cultural e vitrine dos seus próprios lançamentos editoriais — que é enriquecedor analisar o papel cultural e político de Lobato. Nesse sentido, é importante destacar que, embora o autor não fizesse parte dos círculos de intelectuais socialmente prestigiados, e nem freqüentasse os seus salões, era a ele que acorriam praticamente todos aqueles que tinham pretensões ou sonhos literários.¹¹ A partir de 1918, depois de deixar Taubaté e de instalar-se em São Paulo, Lobato foi simultaneamente consolidando sua presença como intelectual e como editor.¹² À frente da Editora da *Revista do Brasil*, passou a decidir destinos e carreiras literárias, a detectar e a satisfazer padrões de gosto e consumo, intuindo êxitos e fracassos e arriscando-se na publicação de escritores desconhecidos.¹³

É exatamente a partir de sua posição como editor e proprietário da revista cultural e literária mais importante do país que é enriquecedor analisar o papel cultural e político de Lobato.

Das relações entre os interesses literários e os interesses do negócio, resultou que a política finalmente adotada por Lobato foi de inovar, mantendo, porém, um certo respeito ao gosto médio do público. Essa tendência, implantada quando Lobato iniciou as atividades da Editora da *Revista do Brasil*, fortaleceu-se quando esta se transformou na Monteiro Lobato & Cia. Com o crescimento galopante que a transformou em gráfica e editora, a preferência pela edição de materiais mais vendáveis predominou e essa rotina se manteve até 1924, quando a empresa, que já havia se transformado em sociedade anônima, acabou indo à falência.¹⁴

Com uma percepção aguçada com relação ao público, sempre procurando novidades com que conquistá-lo ou satisfazê-lo, Lobato chegaria à conclusão de que “editar é fazer psicologia comercial”.¹⁵ E no que se relacionava à produção do livro como mercadoria de consumo, seria o pai de algo novo no Brasil: a criação de estratégias de *marketing* cultural. Cuidava da apresentação dos livros, criando capas coloridas e atraentes, ilustradas por pintores e cartunistas. Mudava títulos, capítulos e chegava até a reescrever livros inteiros.¹⁶ Investiu, pela primeira vez no país, na propaganda em jornais, e criou uma série de coleções, como a «Brasília» (com livros baratos sobre temas brasileiros), a «Biblioteca da Rainha Mab» (editorialmente mais elaborada) e a «Biblioteca Americana», cujo primeiro volume foi o *Facundo*, do argentino Domingo Sarmiento, numa evidente tentativa de aproximação — ideológica e mercadológica — com o atraente mercado hispano-americano.

Como podemos ver, sem protagonizar ou sequer participar das discussões, inovações e experiências estéticas que tinham lugar numa São Paulo efervescente como a dos anos 1920, Lobato de certo modo abria caminhos para que, ao longo do tempo, todas elas pudessem frutificar. Sem figurar no panteão da literatura moderna como um dos seus protagonistas, Monteiro

Lobato praticamente inaugurou o mercado editorial no Brasil, construindo uma das pontes necessárias para a distribuição e o consumo cultural no país.

UM HOMEM E MUITAS CAMPANHAS

O importante a destacar na atividade editorial de Lobato se relaciona à sua preocupação básica com a formação de um público de massa, até então inexistente. Lobato, talvez um tanto impulsivo, pareceu querer marcar seu lugar no âmbito cultural do Brasil, atuando como uma espécie de civilizador. Ao pretender fazer fortuna vendendo livros num país de população, em sua grande maioria, pobre e analfabeta, o autor se defrontou com a necessidade da implementação de políticas sociais que pudessem fazer chegar a ela esse bem ainda inalcançável. E, nesse sentido, não poderíamos separar o editor do grande impulsionador de campanhas sociais que foi Lobato, sempre defendendo o crescimento econômico do país e a melhoria das condições de vida de sua população.

Na realidade, podemos afirmar que, com o exemplo de sua atuação editorial, Lobato sugeria um novo tipo de inserção social aos intelectuais. Com sua perspectiva pragmática, indicava a necessidade da ação política e social de todos aqueles que, tendo acesso à educação e aos bens culturais, poderiam ajudar na regeneração cultural e econômica do Brasil. Não podemos esquecer que o autor sempre criticou a quantidade excessiva de bacharéis num país que necessitava de técnicos e engenheiros para poder crescer. No entanto, não desqualificava os profissionais de humanidades (dos quais, afinal, era parte). Ao contrário, requisitava sua ação. Em lugar de deixá-los na velha e gasta torre de marfim, conclamava-os a que se pusessem a refletir sobre os problemas do país, contribuindo para solucioná-los. Em lugar da paralisante ditadura espiritual parisiense, com todos os “ismos” que Lobato sempre executou, preferia o senso prático dos “ianques” e defendia o modelo de modernização norte-americano, que julgava muito mais efetivo para a transformação do Brasil.

Nesse sentido, avaliando o percurso intelectual e profissional de Monteiro Lobato, é possível associá-lo ao que se poderia definir como uma espécie de nacionalismo modernizador. É exatamente nele que encontraremos o porquê de sua dedicação a atividades aparentemente tão díspares como a agricultura e, depois, a indústria (editorial, de 1918 a 1927; petroleira,

de 1931 a 1943), unidas por uma espécie de fio condutor representado pelo exercício da palavra escrita: o jornalismo, a literatura infantil e para adultos e, em certa medida, a tradução.¹⁷ Com base na união entre atividades produtivas e princípios nacionalistas, Lobato conduziu sua atividade jornalística, sua produção editorial, a linha política da *Revista do Brasil* e, finalmente, suas incursões desastrosas na campanha pelo ferro e na prospecção de petróleo.

Monteiro Lobato praticamente inaugurou o mercado editorial no Brasil, construindo uma das pontes necessárias para a distribuição e o consumo cultural no país.

Ao analisar especificamente o jornalismo de Lobato, podemos notar como o seu exercício era evidentemente político e normalmente direcionado a temas da realidade nacional e local. Lobato escreveu nos jornais para defender pontos de vista, para apresentar projetos e também para criticar a realidade brasileira. Desconfiado do sistema político vigente, avesso à militância partidária, o autor normalmente elegeria como seu público-alvo as, segundo dizia, “elites” do país, que de certo modo pairavam sobre as classes, e as quais procurava conquistar com suas idéias de progresso econômico e de melhoria de condições de vida do conjunto da população.

Num pequeno panorama de suas contribuições à imprensa, podemos encontrar artigos regidos pela denúncia explícita mesclados a textos elaborados com algum humor e com uma ironia ácida e mordaz. Essa ironia, às vezes intolerante, o levaria a trafegar com naturalidade entre temas que iam da crítica à arquitetura sem identidade da cidade de São Paulo ao questionamento do papel da marinha no país, passando pela análise das condições de trabalho dos professores brasileiros e pela narração de episódios ficcionais relacionados a eventos como a Revolução de 1930.¹⁸ Lobato, utilizando o meio como um instrumento de aproximação e convencimento, conseguiu criar um forte elo com o seu público leitor. A maior parte do tempo o fez por intermédio de seu vocabulário coloquial e direto.¹⁹ Algumas vezes, porém, preferiu

recorrer à estruturação impactante e dramática dos textos, exigindo o compromisso social e político de seus leitores.²⁰

Se, por meio dos jornais e da sua *Revista do Brasil*, Lobato se dirigia às elites, também buscou atingir um público mais amplo. Todos identificamos o seu famoso folheto de 1924, conhecido como “Jeca Tatuzinho”. Junto com a propaganda dos produtos dos Laboratórios Fontoura, o folheto veiculava a história do novo Jeca Tatu, um homem livre das doenças endêmicas, a quem a férrea dedicação ao trabalho transformou em um rico e dinâmico fazendeiro e empresário. Dez anos depois da publicação de seus polêmicos artigos “Urupês” e “Velha praga”, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, Lobato procurava redimir-se do retrato preconceituoso que havia construído do homem do campo, em um momento em que tocava com dificuldades a fazenda de café herdada do avô visconde e em que responsabilizava a ignorância dos caboclos pelo fracasso de seu próprio empreendimento econômico.

Podemos afirmar que, com o exemplo de sua atuação editorial, Lobato sugeria um novo tipo de inserção social aos intelectuais.

Agora, Lobato buscava convencer os leitores e a si mesmo de que os caboclos como Jeca Tatu não eram indolentes, nem inadaptáveis. Estavam apenas doentes. O teor didático do panfleto é evidente e serve como paradigma das muitas campanhas sociais em que o autor se envolveria. E Lobato se mobilizou pela saúde, pelo saneamento básico, pela educação, pelo voto secreto e optativo, pela valorização da língua e da cultura brasileiras e, principalmente, pela valorização do trabalho que, para este fanático admirador de Henry Ford, seria o único instrumento efetivo para melhorar o país.

Depois de passar cerca de quatro anos nos Estados Unidos, como adido comercial (o único cargo político que ocupou), Lobato regressou ao Brasil com “idéias metalúrgicas e petrolíferas”. A partir de 1931, dedicaria sua vida às causas do ferro e do petróleo. No entanto, não deixaria de escrever: a palavra impressa continuaria tendo um papel fundamental para o autor. Em 1931, no que propunha como um trabalho de es-

clarecimento da opinião pública, lançou *Ferro (A solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith)*. Cinco anos depois, frustrado com os rumos de suas atividades no incipiente setor petrolífero, publicaria *O escândalo do petróleo*, um polêmico texto de denúncia. Finalmente, no ano seguinte, em 1937, o tema do petróleo ressurgiria, agora em forma de utopia, significativamente em um livro para crianças, *O poço do visconde*.

Como todos sabemos, Lobato não pôde, como gostava de dizer, “dar petróleo e ferro ao Brasil”. De certo modo esse fracasso parece haver servido para que o próprio escritor olhasse a si mesmo e à sua posição no país com um pouco mais de realismo. Uma sociedade conflitiva e contraditória como a brasileira não poderia ser administrada com os princípios fordistas que tanto o fascinavam (afinal de contas, empregados e patrões jamais poderiam ser sócios; governantes não eram necessariamente os administradores do bem comum, os “interesses nacionais” nem sempre eram os que imperavam). O apoio desinteressado que Lobato sempre pediu às elites resultou ser algo praticamente inalcançável, o que se ilustra com o fato de que nenhuma das campanhas sociais que apoiou resultou em mudanças concretas e duradouras.

Talvez Lobato tenha inclusive chegado um dia a se perguntar se os intelectuais, principalmente os escritores, deveriam realmente envolver-se na discussão estéril dos problemas nacionais e na rotina dura e sem graça da indústria e do comércio. Afinal de contas, foi com a máquina de escrever, produzindo literatura, que o escritor pôde sobreviver e até mesmo financiar sua luta inglória para descobrir e explorar petróleo no Brasil. Na realidade, o sonho desse pragmático autor de realizar grandes projetos para si e para o país se transformou em uma busca contínua – e infrutífera – que acabou por levá-lo a uma completa desilusão com relação aos homens.

Significativamente, porém, tal desilusão resultou na sua dedicação praticamente integral à atividade literária. O grande criador de campanhas sociais, depois de todos os seus fracassos, ainda teria energia suficiente para investir em sua última campanha social, escrevendo livros para crianças.

NOTAS

¹ Segundo Bosi, o caráter pragmático e moralista de Lobato o impedia de deixar-se penetrar pelas correntes irracionistas, tão importantes no período de consolidação do movimento modernista brasileiro (Alfredo Bosi, *História de la literatura*

- brasileira (México: Fondo de Cultura Económica, 1982), pp. 225-227).
- ² Cf. A. L. V. de Campos, *A república do Picapau Amarelo* (São Paulo: Martins Fontes, 1986).
 - ³ Cf. V. B. Landers, *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988).
 - ⁴ Cf. W. Martins, *História da inteligência brasileira (1915-1933)*, vol. VI (São Paulo: Ed. Cultrix, 1978).
 - ⁵ Cf. T. Chiarelli, *Um jeca nos vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil* (São Paulo: Edusp, 1995).
 - ⁶ Cf. T. R. A. Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1996.
 - ⁷ Cf. J. R. Whitaker Pentead, *Os filhos de Lobato. O imaginário infantil na ideologia do adulto* (Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997).
 - ⁸ Ver E. Cavalheiro, *Monteiro Lobato – Vida e obra*, 2 volumes (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955), p. 160.
 - ⁹ A polêmica gerada pela crítica de Lobato («Paranóia ou mistificação») à exposição de Anita Malfati tem sido exaustivamente estudada. A leitura que dela nos apresenta Chiarelli (*op. cit.*, pp. 25-44) serve para relativizar o suposto teor destrutivo e desinformado do artigo, apontado pelos próprios modernistas e seus estudiosos. Lobato se dedicou à crítica de artes plásticas, à qual deu uma forma sistemática, praticamente inaugurando o gênero na imprensa brasileira. Na avaliação de seus juízos, o que não se pode perder de vista é que o autor se norteava por uma concepção naturalista ferrenha. É exatamente aqui que podemos, de fato, encontrar um motivo de conflito entre as suas concepções e as dos intelectuais modernistas.
 - ¹⁰ Em dezembro de 1922, Lobato se associou a Paulo Prado e Sérgio Milliet passou a ocupar a secretaria da revista (cf. Monteiro Lobato, *A barca de Gleyre* (14ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1972), p. 322). A *Revista do Brasil* publicou vários textos de Mário de Andrade sobre arte e literatura (anos depois, Lobato tentaria editar *Macunaíma*, em Nova York). Oswald de Andrade também esteve entre seus colaboradores. Lobato chegou a escrever sobre o seu futurismo com certa simpatia e editou *Os condenados*, cuja resenha (não completamente elogiosa) firmou e publicou em um dos números da revista.
 - ¹¹ Em sua particular irreverência, Lobato se vangloriava do assédio, definindo-se como uma espécie de «mictório literário», onde todos depositavam as suas expectativas de publicação (cf. Monteiro Lobato, *A barca de Gleyre*, cit., p. 291).
 - ¹² Em 1911, Lobato herdou de seu avô visconde uma grande e estagnada fazenda de café no Vale do Paraíba. Depois de lutar infrutiferamente para tornar a fazenda produtiva, Lobato conseguiu vendê-la e mudar-se para São Paulo.
 - ¹³ Não podemos esquecer que Lobato publicou *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto. O livro, apesar de haver recebido alguns elogios da crítica, foi um rotundo fracasso comercial.
 - ¹⁴ A afoiteza característica de Lobato o levou a investir em um maquinário caro e avançadíssimo (Cf. Monteiro Lobato, *A barca de Gleyre*, cit., p. 322; L. Hallewell, *O livro no Brasil (sua história)* (São Paulo: T. A. Queiroz-Edusp, 1985), p. 252). Esse capital fixo tinha que ser amortizado e gerar lucros, o que requeria alta produção, distribuição e, principalmente, consumo em moldes capitalistas, elementos que o mercado brasileiro de bens culturais ainda não podia oferecer.
 - ¹⁵ Cf. M. Lobato, *A barca de Gleyre*, cit., p. 336.
 - ¹⁶ Já em 1927, dono da Companhia Editora Nacional, nascida dos escombros da anterior — e que seria, com Otales Marcondes, uma das maiores editoras nacionais (L. Hallewell, *op. cit.*, pp. 267-308) — Lobato comentaria numa carta a Rangel: «na velha companhia mudei muito título. Punha de preferência um nome feminino, porque, em cheirando a mulher lá dentro, os leitores concupiscentes compram 'para ver'» (M. Lobato, *A barca de Gleyre*, cit., p. 336).
 - ¹⁷ Entre os autores que Lobato traduziu, estava Henry Ford, cujas obras prefaciou e editou.
 - ¹⁸ Num momento em que a profissionalização já começava a cobrar dos intelectuais um grau significativo de especialização e de rigor analítico, homens como Lobato continuavam a se aventurar pela generalidade temática, fazendo crítica literária e de arte, análise política e econômica, algo de ficção e até mesmo de crônica de costumes. Os artigos mencionados podem ser consultados, respectivamente, em M. Lobato, *Idéias de Jeca Tatu* (São Paulo: Ed. Brasiliense, 1978) pp. 31-36; *Mr Slang e o Brasil e o problema vital* (13ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1972), pp. 50-54; *Na antevéspera* (13ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1972), pp. 103-106 e pp. 106-108.
 - ¹⁹ Para isso, Lobato chegou a criar um personagem especial. Publicadas primeiramente em *O Jornal* e depois reunidas em *Mr. Slang e o Brasil*, as crônicas protagonizadas por esse «velho inglês da Tijuca» serviram para que Lobato discutisse aspectos e questões polêmicas da vida brasileira (trabalho; justiça; funcionamento do governo, com a oposição entre parasitismo e moralidade administrativa; imigração; desenvolvimento econômico; política, etc.). Mr. Slang, o inglês pragmático, analisava os problemas do Brasil, valendo-se de sua condição de estrangeiro. Entretanto, as idéias que discutia durante longas partidas de xadrez com o seu contricante brasileiro (um homem comum, presa de todos os «chavões» nacionais e que é o narrador das crônicas) eram as do próprio Lobato.
 - ²⁰ Nesse sentido, a campanha que capitaneou no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1918, a favor dos trabalhos de saneamento básico desenvolvidos pelo governo paulista é paradigmática. Alguns títulos falam por si mesmos: «Dezessete milhões de opilados»; «Três milhões de idiotas e papudos» e «Dez milhões de impaludados» (cf. M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil*, cit., pp. 127-136).

